

# Restolho

## Um Tempo Paralelo

De manhã, depois do café, percebi porque é que vivia noutro tempo, talvez fora da realidade, da *vox populi* e como ele tão pouco me interessava.

Vivia num tempo paralelo, que não era nenhuma bola mas o resultado do investimento em certas dimensões teóricas do imaginário popular, um palheiro, um açude, em escola secundária. Tinha chegado a esse tempo e nem por sombra queria sair dele, para o substituir pelo tempo da opinião, da galhofada geral, que muitos abraçam sem pestanejar, sem reflectir coisa nenhuma. Eis o início de muitos males, inclusive a discriminação e ostracismo de quem pensa pela sua própria cabeça...

O homem busca a felicidade, quando está certo disso, perde-a, quando menos espera, ela aparece, eis o mundo da vida, eis um certo desígnio existencial do homem na safra, na jorna da sua itinerância por este mundo. Um bom exemplo disso é A Divina Comédia, de Dante, que, juntamente com Os Lusíadas, vale sempre a pena reler, “por mais esforçados”, “aqueles que da lei da morte se vão levantando”...

Por vezes, preocupas-te com os outros, ou seja, és altruísta, mas outras vezes, talvez desiludido, acabam por investir mais em ti mesmo, mas eis que ninguém te sede, o silêncio é totalmente aterrador na tua vida, arrasados, duvidas até da luz que te conduz durante a noite e limitas-te a esperar, como se estivesses preso numa prisão de máxima segurança, isso, na solitária. É um pouco assim, porque muitos sentem mais liberdade na obediência porque não se querem chatear com o poder...

Mas vou. Embarco nessas Falésias de Mármore (Ernst Jünger) e deixo-me estar no promontório, como Nietzsche, contemplando os desígnios da humanidade num certo registo de imanência, imaginando que a vida

social pode ser melhor, tanto cá como na América, em agradecimento ao exemplo que nos dá, a vários propósitos...

O que é afinal, a vida? Pó, sombra, desespero (Kierkegaard), angústia (Fromm)? Não é apenas a ausência da forma, mas a morte é ausência de vida. E como se lhe conhece o impulso? O que conduz a vida, o desejo, a contemplação? O fluir no tempo? Talvez seja isso, apenas e tão somente...

Por fim, consegui uma ligação, a que muito chama de “terra”, a dialéctica e a dialógica e fui percebendo o meu lugar na natureza, qualquer coisa que vinha do meu primo padre, que foi reitor no Seminário de Leiria e que partira há pouco tempo, seguir a esteira do meu tio-avô, que também havia abandonado o seminário, o Zé Glória, cosmos e conhece lá na aldeia do meu pai. Também ele não se deu assim tão bem com Lisboa, passava tardes sozinho no miradouro do Alto de São João, onde eu vivi, fui feliz e infeliz, fui tudo e nada, tive namoradas e não tive coisa nenhuma, porque o tempo passa e nascemos sozinho, talvez, porventura, não estaremos sozinhos a vida inteira, ou apenas talvez estejamos porque nada fizemos para o evitar, face à nossa ambição de abarcar tudo, o Todo...

Pensei então, que estaria fora do tempo. O que era verdade. Mas, como eu estava muita gente mais, logo, não estaria assim tão fora do tempo, do tempo e momento presente, tudo tem que ver de resto com o futebol, particularmente, e o desporto, no geral, há jogos e modalidades de equipa, outras individuais, a vida social do dia a dia é isso mesmo, por vezes fazemos alianças com os outros, outras vezes somos taticamente evitados de um certo egoísmo que é perfeitamente desculpável, pois agimos, ainda e sempre, sob as leis da sobrevivência.

**Victor Mota**

